

Os neologismos e a cartografia*

Major SEBASTIÃO DA SILVA FURTADO**
Do Serviço Geográfico do Exército

I — É NECESSÁRIO DISCIPLINAR A INTRODUÇÃO DE NEOLOGISMOS NA CARTOGRAFIA NACIONAL

As fundas transformações que vêm ocorrendo na ciência, nas letras, nas artes e na técnica, em desdobramentos sem fim, alteraram as condições de vida, reestruturaram a sociedade e geraram, e originam incessantemente, necessidades, ciências, técnicas e profissões novas.

Não poderia, pois, a cartografia, instrumento que é, de progresso e de civilização, fugir ao influxo dessas novas condições

Para exprimir, na intercomunicação de idéias, as novas condições de vida, as novas criações, os novos inventos, as especializações e os aperfeiçoamentos técnico-científicos, novas falas especiais foram criadas, enquanto outras, como a da cartografia, viram-se enriquecidas em seus vocabulários.

Doutra parte, a migração do poder, de algumas nações para outras, fêz-se acompanhar do deslocamento das tradicionais fontes criadoras e irradiadoras de cultura. Novos *estrangeirismos* invadiram as falas especiais dos povos menos desenvolvidos, tradicionalmente importadores de maquinaria e de instrumentos, de técnica e de cultura, indo somar-se ao grupo dos *neologismos* vernáculos, formados à feição do gênio de suas próprias línguas

Inevitável, pois, que também a língua portuguesa falada no Brasil e, em particular, a fala especial da cartografia nacional fôssem enriquecidas, em muitos casos, e abastardadas, noutros, de *neologismos* e *estrangeirismos*. É que existem — sabemos-lo — *neologismos respeitáveis* e *necessários* e os *desnecessários* — autênticos *barbarismos*.

Urge, pois, separá-los, legitimando em definitivo os primeiros e repudiando os últimos. A pureza da língua — sem exageros, embora — em parte responsável pela unidade lingüística, assim como os foros de cultura de uma classe de nível superior — a nossa — impõe-nos esta responsabilidade.

Parece-nos, pois, oportuno, quando nos reunimos pela primeira vez, examinarmos as neologias em uso na linguagem técnica da cartografia brasileira e estabelecermos normas que lhes disciplinem a criação e admissão.

Esboçam-se, em nosso meio técnico, duas correntes de opinião: uma, partidária duma espécie de livre cambismo, que admite todo e qualquer neologismo ou estrangeirismos, outra, radicalmente antagonica, impregnada de intransigente “purismo” gramatical, que pretende pôr no *index* toda e qualquer inovação. Ambas, cremos, extremadas e distanciadas da verdadeira solução, que é a que nos indicam a lingüística e a filologia. “Justo é que se guarde a pureza do idioma, justo que se mostre a riqueza da nossa língua e que se ponha a nu a pedanteria ou a ignorância dos veiculadores de galicismos desnecessários ou tolos. Mas, é preciso ter medida, reconhecer que o empréstimo é fenômeno normal em toda língua viva, curvar-se diante do *fato*, e, sobretudo, não deixar influir antipatias e gostos pessoais no julgamento”, diz-nos GLADSTONE CHAVES DE MELO (*Iniciação à Filologia Portuguesa*, 2ª ed., Rio, Livraria Acadêmica, 1957)

O que importa, pois, e que está de acôrdo com o espírito dos modernos princípios lingüísticos e filológicos, é, por exemplo, acatar e aceitar o neologismo *mapeamento*, como de ouro de lei, por corresponder a uma absoluta necessidade de expressão e estar conforme ao espírito da língua.

São aceitáveis os neologismos “formados por boa analogia correndo com o cunho ou sêlo nacional, sem desvirtuar o caráter de nossa língua, concorrem para lhe enriquecer o vocabulário, fazendo-a corresponder ao movimento progressivo dos povos que a falam”, diz o Prof ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO, “apud” RUI, *in Réplica*, § 477. Nem diversa é a opinião dêste mestre:

* Comunicação apresentada à I Reunião Brasileira de Consulta sôbre Cartografia, realizada em São Paulo, em outubro de 1958

** A direção desta Revista esclarece que o trabalho *Considerações acêrca do alargamento do vocábulo Cartografia*, publicado no n.º 4 — Ano XX, outubro-dezembro de 1958, é transcrição da comunicação que sob êsse título apresentou o Maj. SEBASTIÃO DA SILVA FURTADO, autor do presente à 7ª Reunião Brasileira de Consulta sôbre Cartografia. A autoria do aludido trabalho fôra involuntariamente omitida naquele número desta Revista.

"Ali, como em todos os meus escritos, não faltam palavras de toque moderno, verdadeiros neologismos, alguns de minha própria lavra, justificados pela sua utilidade e boa adaptação às formas portuguesas" (*Réplica*, § 479).

E, o que importa, ainda, é, por exemplo, anatematizar os *barbarismos* *checar*, *plotar*, *dar um cheque*, etc., que, originados dos verbos *to check* e *to plot*, colidem com os vernáculos *controlar*, *verificar*, *locar*, etc

Vêm a propósito as palavras de RUI, em *Réplica*, § 482:

"Adotar neologismos, como *afetar* na significação francesa, meramente por imitar o francês, usurpando a outros vocábulos aceções por eles melhor desempenhadas, seria bastardear, chibar e pedantear com ouropéis estrangeiros, unicamente por amor do pedantesco, do novo e do bastardo"

E, ensina EDUARDO CARLOS PEREIRA (*Gramática Expositiva — Curso Superior — 21.ª ed*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1918):

"O *neologismo* obedece, em geral, à lei do progresso ou evolução lingüística, e deixa de ser um vício quando necessário para expressão de uma idéia nova, ou quando formado de acôrdo com o gênio da língua. Não obedecendo ao critério esclarecido de judiciosas conveniências literárias, o *arcaísmo* e o *neologismo* constituem elementos de obscuridade e tornam-se verdadeiros *barbarismos*"...

Com a intenção de contribuir para o disciplinamento dos neologismos na fala cartográfica nacional, passamos a examinar o mecanismo de formação dos vocábulos e as condições que deles se exigem para serem aceitos

2 — DINAMISMO, PERMEABILIDADE E EVOLUÇÃO DA LÍNGUA. A LÍNGUA COMO PRODUTO HISTÓRICO — A DERIVA

É a língua, como manifestação da vida que é, um fato social profundo e essencialmente dinâmico, seguindo, em perpétuo movimento, um rumo histórico — *a deriva*. "A linguagem move-se pelo tempo fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva", diz o grande filósofo SAPIR (*A Linguagem — Introdução ao Estudo da Fala — Rio, INL, 1954*)

Seu vocabulário não é estático, pois As palavras nascem, vivem e se transformam ou desaparecem. A transformação — domínio da *Semântica* — pode ser parcial ou total, operando-se no invólucro material — o vocábulo — ou na própria substância ou significação — o *térmo*. Algumas vèzes, conservando embora a roupagem material, podem, até, ter invertida a aceção, adquirindo um significado antinômico do primitivo. Noutras, conserva-se a *forma* material, mas alargam-se-lhes o *conceito*. As palavras que mais se empregam são as mais sujeitas a se transformarem.

Doutra parte, as línguas não são estanques. Operam-se na vida social e, lógicamente nas línguas e falas, ininterruptos contactos e interações. Entre os vários tipos de contactos lingüísticos situa-se também o de línguas diferentes

As línguas são, portanto, dinâmicas e permeáveis

3 — ENRIQUECIMENTO DA LÍNGUA. FORMAÇÃO DO VOCABULÁRIO E SUA DIFUSÃO

"O modesto vocabulário que nos forneceu o latim popular — diz EDUARDO CARLOS PEREIRA, obr. cit. — foi prodigiosamente aumentado, no decurso de sua evolução histórica, de três modos.

- 1º — Por derivação e composição popular;
- 2º — Por formação erudita,
- 3º — Por importação estrangeira".

Para GLADSTONE CHAVES DE MELO, obr. cit., três são as fontes formadoras do vocabulário de qualquer língua:

- 1 — a *continuidade lingüística*;
- 2 — a *formação vernácula*;
- 3 — e a *importação estrangeira*

A fim de satisfazerem às incessantes e múltiplas necessidades da vida social, surgem, a todo momento, novos vocábulos, formados ou adquiridos segundo os modos indicados precedentemente. Assim, os indivíduos podem *criar* ou *introduzir* novas palavras, dependendo o êxito da *inovação* de sua conformidade ao espírito ou gênio da língua e de ter ela utilidade. "A *inovação*, que parte do indivíduo, pode restringir-se a êle e, portanto, abortar-se ou, pelo contrário, generalizar-se na comunidade".

Em todo fato lingüístico, há que distinguir, pois, a *criação* e a *coletivização*. Dessarte a mudança depende da sucessão e da combinação ou *iniciativa indivi-*

dual com a aceitação coletiva”, explica SERAFIM DA SILVA NETO (*História da Língua Portuguesa*, Rio, Livros de Portugal, 1952).

É o que ensina RUI (*Réplica*, § 382):

“Para que um neologismo tenha a franquia de circular, importa que receba, ao adaptar-se, conforme as leis da boa cunhagem, a feição do idioma onde penetra”.

Os neologismos que não se conformam ao espírito da evolução não sobrevivem

4 — NEOLOGISMOS E BARBARISMOS

O fenômeno dos neologismos é, portanto, fato normal em linguagem. Não os devemos temer. Devemos, isto sim, é distinguir entre os que são respeitáveis e necessários e os que não o são. Os primeiros são fonte inesgotável de enriquecimento e renovação do vocabulário.

Por conhecê-lo é que a Academia Brasileira de Letras, com a concordância da Academia de Ciências de Lisboa, deu sensata orientação à feitura do *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, no que tange aos neologismos, brasileirismos e estrangeirismos. Acatando as indiscutíveis e supremas leis do uso ou costume e da evolução lingüística, respeitou rigorosamente:

1º — a inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso,

2º — e, a inclusão dos estrangeirismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária.

Foram, assim, recolhidos neologismos, brasileirismos coletivizados e legitimados pelo uso, tais como: *rosbife*, *debênture*, *cachecol*, *foxtrote*, *fiorde*, *cachênê*, *líder*, *prócer*, *macadame*, *edelvais*, *eclusa*, *fotocópia*, *fotocardiografia*, *cinasta*, *radialista*, *besteira*, *hangar*, *hoquei*, *handicap*, *haraquiri*, *fáeton*, *platô*, *plissar*, *sanduíche*, *vagão*, *daguerreotipar* etc.

5 — IMPORTÂNCIA DOS EMPRÉSTIMOS OU IMPORTAÇÃO DE VOCÁBULOS COMO FONTE DE ENRIQUECIMENTO DA LÍNGUA

As condições sócio-econômicas e políticas da Humanidade e os ultra-rápidos meios de transporte e comunicação romperam as fronteiras lingüísticas.

Disto resultou que a mestiçagem, o empréstimo, a imitação ou influência estrangeira impregnam toda a evolução lingüística, assevera HUGO SCHUCHARDT, “apud” SERAFIM DA SILVA NETO (*História da Língua Portuguesa*, Rio, Livros de Portugal, 1952).

SAPIR, obr. cit., estudando o problema da interação lingüística diz:

“As línguas, como as civilizações, raramente se bastam a si mesmas .

O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o empréstimo de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há possibilidade de empréstimo para termos correspondentes”.

Incessantemente, até hoje, vem continuando “esse processo em que cada fluxo cultural traz para a língua novo sedimento de vocábulos estrangeiros”.

É o que se tem passado conosco.

A poderosa influência literária encheu de galicismos o nosso léxico. A introdução dos esportes entre nós trouxe-nos grande número de anglicanismos e ianquismos, como *futebol*, *gol*, *iole*, *jóquei*, *forfait*, *esqui*, *iate*, *basquetebol*, *pênalti*, *craque*, etc. Com a última guerra os vocabulários das nossas falas especiais, isto é, as terminologias técnicas e científicas, foram invadidos por novos anglicanismos e ianquismos, como *blecaute*, *líder*, *estafe*, etc.

A crescente influência cultural e técnica dos Estados Unidos, como antes sucedera com a da França, vem introduzindo aqui numerosos ianquismos, como *plotar*, *checar*, etc. autênticos barbarismos.

“A importação estrangeira — diz GLADSTONE CHAVES DE MELO, obr. cit., é fonte sempre aberta de enriquecimento do léxico.” Muitos vocábulos importados não necessários, outros não o são. Alguns têm equivalentes portugueses perfeitos — é fácil traduzi-los; outros, intraduzíveis — aportuguesam-se; finalmente outros, são irredutíveis, verdadeiros quistos lingüísticos. É necessário, pois, fazê-lhes a triagem, distinguindo os estrangeirismos necessários, que vêm enriquecer a nossa língua, daqueles que a corrompem e abastardam.

Explica GLADSTONE, obr. cit., que “caído no uso comum, tende o estrangeirismo a despir-se dos traços forâneos e vestir-se ao jeito da terra, como se vê em *pudim*, *bife*, *clube*, *fraque*, *mandioca*, *capivara*, *cigarro*, *futebol*, etc.” — Dá-se

o *aportuguesamento* ou *vernaculização* dos vocábulos importados, fato bem explicado por SAPIR, obr cit "A importação acarreta sempre aos termos estrangeiros modificação fonética. Há sempre sons peregrinos ou peculiares de aceitação que não se adaptam aos hábitos fonéticos nativos. Modificam-se, pois, a fim de sacrificar o menos possível esses hábitos", pois, a "preocupação fonética precípua das línguas é a preservação do seu padrão de sons".

Muitos empréstimos se vernaculizam imediatamente, como *restituição*, *reambulação* (oriundo do vocábulo alemão *reambulirung*, mas vindo da Austría), etc. Outros, como *negligé*, nunca.

6 — CIÊNCIAS, LETRAS, TÉCNICA E ARTES — GERADORAS DE NEOLOGISMOS E EMPRÉSTIMOS

Todo novo invento e toda técnica e ciência novas exigem vocabulário novo, peculiar, constituído de palavras vernáculas e de numerosos neologismos, estes havidos por derivação, formação vernácula e importação estrangeira. O automóvel, por exemplo, trouxe-nos cârter, breque, pneu (em nova acepção), chassi, garagem, etc; a eletricidade, deu-nos watt, ampère, fârad, etc, a geomorfologia, cuesta, hogback, peneplano, peneplanície, etc, a ferrovia, locomotiva, tênder, truck, gare, vagão, etc, a estereofotogrametria, este e mais fotograma, fotocarta, esterograma, mosaico (em nova acepção), restituição e cognatas, aerotriangulação, marca flutuante, estereotopografia, estereoautografia, etc; da geografia recebemos pôlder, estepe, frontier, talvegue, pioneiro e cognatas, fiorde, hinterland; a cartografia recebeu blue-line, diafilme, canevá, vinylite, fotoplástico, mapear, mapeamento, graticula, reambulação, detalhe (nova acepção), mapa, cartografia, etc.

Como se vê, quando as ciências e técnicas são criadas ou aperfeiçoadas no estrangeiro, isto nos obriga a importar um grande número de vocábulos estrangeiros, a criar novas acepções para palavras vernáculas e a criar neologismos, por derivação e por formação erudita, estes à base do latim e do grego. Assim procedem todas as línguas, sob o imperativo da necessidade. Os norte-americanos, por exemplo, estão cotidianamente a formar neologismos eruditamente, recorrendo sobretudo ao grego.

Portanto, o problema da formação dos neologismos e o do empréstimo dos vocábulos necessários, são fatos normalíssimos em qualquer língua culta.

O que se não pode aceitar é fazê-lo indiscriminada e desnecessariamente.

7 — FALAS ESPECIAIS A FALA CARTOGRÁFICA

São falas especiais as linguagens inerentes a determinados grupos sociais ou profissões, isto é, as linguagens empregadas por indivíduos, que adotaram as mesmas carreiras. Há, pois, a fala dos estudantes, dos militares, dos motoristas, dos médicos, etc.

As linguagens técnicas, peculiares a determinadas profissões ou especialidades incluem-se, é lógico, entre elas.

Formam os vocabulários dessas falas as terminologias técnicas e científicas, a gíria ou calão, etc.

O léxico da fala da cartografia é constituída pelo vocabulário técnico peculiar aos métodos, sistemas, operações, equipamentos e conhecimentos, que visam à representação da superfície terrestre. O conjunto, dos seus vocábulos, acompanhado de suas acepções, forma-lhes o glossário tecnológico.

8 — NEOLOGISMOS E EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS DA CARTOGRAFIA

A exemplo da demais ciências e técnicas, a cartografia, que é ciência e arte, não se pode eximir à importação de estrangeirismos, e à criação de novos vocábulos, assim como

— blue-line, diafilme, canevá, graticula, vinylite, mapear, cartografar, mapeamento, mapeação, reambulação, detalhe (em nova acepção), trimetrogon, fotogrametria, estereofotogrametria, aerofotogrametria, restituição e cognatas (em novas acepções), reambulação, estereomicrometro, fotocópia, poligonização, radial-secator, *checar*, *plotar*, etc.

São quase todos necessários à intercomunicação e ao intercâmbio de idéias, como poligonização, mapeamento, reambulação, etc. Entretanto, *checar*, *plotar*,

radial-secator, *blue-line*, etc são peregrinismos, isto é, barbarismos lexicológicos. Devem ser proscritos da nossa língua, por totalmente desnecessários. Os barbarismos podem ser também sintáticos, como "dar um cheque", frase formada inútil e esdrúxulamente com o verbo *to check*, quando sintética e precisamente poder-se-á dizer *verificar* ou *controlar*.

9 — CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA QUE OS NEOLOGISMOS SEJAM ACEITOS

Para serem aceitos pela comunidade os neologismos devem satisfazer às seguintes condições:

- serem respeitáveis;
- serem gerais;
- serem atuais;
- e, estarem de acôrdo:
 - a) com as tendências lingüísticas,
 - b) com o espírito de evolução da língua;
 - c) e, com o gênio ou espírito da língua

Para CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (*O Problema da Colocação dos Pronomes*, — 8ª ed — Lisboa, Livraria Clássica Editôra, 1952), as três condições básicas são:

- verdadeira generalização do vocábulo;
- diuturnidade da sua duração;
- aceitação por parte dos escritores ou pessoas com autoridade para aceitá-los ou rejeitá-los

Para que êles sobrevivam a seus autores, devem ser:

- consentidos;
- e, sancionados, isto é, legitimados, pela comunidade

Satisfeitas estas condições, a língua deve acolher os vocábulos inovados por derivação ou composição e adquiridos por empréstimo

GLADSTONE CHAVES DE MELO, obr cit., aponta-nos o critério a adotar-se no exame dos neologismos que devem ser acolhidos pela língua:

"*Erro* é o que destoa da tradição, dos hábitos lingüísticos de uma comunidade; *acerto* é o que afina com tais hábitos, o que se liga com uma tradição e a continua. A norma, pois, em linguagem, é consuetudinária."

Não é diversa a opinião de ANTENOR NASCENTES (*O Linguajar Carioca* Rio, Organizações Simões, 1953):

"Em que pêsse aos gramáticos, o único critério para julgar da correção da linguagem é, como muito bem diz o filósofo SAYCE:

"Custom alone can determine what is right and wrong, not the dictum of grammarians, however eminent".

10 — CONCLUSÃO

São inevitáveis as inovações e os empréstimos lingüísticos

As inovações devem conformar-se ao gênio da língua. Os vocábulos importados devem ser traduzidos ou aportuguesados. Na falta de um vocábulo português precisamente correspondente, isto é, na falta do equivalente perfeito à aceitação do estrangeirismo, êste deve ser incorporado como neologismo necessário, aportuguesando-se-o segundo nossas regras etimológicas e tendências fonéticas.

"Olhem-se, pois, os fenômenos da língua com espírito alto, largo e generoso, e façam-se concessões ao pensamento, que às vezes reclama expressões de valor estilístico, mas afastadas das regras habituais da gramática", recomendam as "Instruções Metodológicas" para o programa do ensino secundário

Sejamos nós também, os da cartografia brasileira, condescendentes com os neologismos necessários, mas rigorosos com os desnecessários — os barbarismos.

Também nós, temos parcela de responsabilidade quanto ao futuro da admirável língua que falamos, pois que devemos preservar a língua padrão, que é a das elites, e esta:

"Podemos exaltá-la como superior meio de expressão que é, podemos aperfeiçoá-la cada vez mais tornando-a dútil e maleável. Teremos dessarte enriquecido o patrimônio que se nos confiou."

Podemos, pelo descaso e pela incúria, abastardá-la e rebaixá-la a um mísero e tóscio meio de comunicação, será que a nossa cultura se esboroou e desmoronou?", adverte-nos GLADSTONE CHAVES DE MELO, obr cit